

## Ernest Hemingway no bar da esquina

Aírton DeSouza

Entrei como sempre faço nessas situações. Precisava de um pouco mais de cerveja e aquela pequena mercearia era o único estabelecimento aberto àquela hora do dia, um domingo que havia prometido chuva leve, mas agora se esbaldava em sol escaldante. Os outros me esperavam na casa recém-inaugurada para esta finalidade: reunir os amigos nos fins de semana, comer as mais variadas comidas, tomar todas as cervejas e caipirinhas que fossem possíveis. No entanto, nossos planos sempre davam errado, pois alguns bebiam mais do que deviam, outros comiam exageradamente. Ao final, sempre faltava alguma coisa.

Naquele dia, não poderia ser diferente. No entanto aconteceu mais cedo do que o previsto e as opções não eram tantas para repor o que precisávamos. Afastei-me do grupo e me propus a ir em busca de mais bebidas. Precisamente naquele dia estava propenso a um pouco de solidão. Por vezes é necessário que nos afastemos, não em busca de outrem, mas de nós mesmos. Isso não é ser antipático, embora, às vezes, é o que parece, mas, invariavelmente, a não ser que você só viva para fora e nunca para dentro de si mesmo, sentirá essa necessidade premente de se afastar, até mesmo para se encontrar. Assim, fui o responsável por me afastar dali e buscar pelos prazeres que todos já começavam a sentir falta, embora suas gargalhadas e sua fala sinuosa indicassem que seria um bom momento para fazerem uma pausa.

Bem, isso não veio ao caso e eu saí com um sorriso incontrolado num canto da boca. Poderia me dar ao luxo de sentir um pouco o ar da manhã que já ia alta e ouvir uma música diferente daquela cantada a plenos pulmões por aqueles que se julgavam verdadeiros artistas quando conseguem acompanhar vozes ecoando num aparelho de som de qualidade duvidosa. E virando ruas, fazendo rotatórias, chamou-me a atenção uma porta aberta, bem pequena, com cadeiras e mesas dispostas do lado de fora. Não havia outra alternativa, exceto dar uma parada e ver se tinham o que eu buscava. Parei o carro, mas ainda pude ouvir as últimas notas de um clássico americano, um último acorde de Miles Davis. Ah, como era delicado e ao mesmo tempo incisivo o que ele conseguia do seu instrumento. Nunca pude entender ou mesmo captar a intensidade

do que ele queria dizer com cada uma daquelas notas, tão bem-dispostas, ecoando, rasgando o silêncio não só do espaço a nos rodear, mas também das nossas almas desejosas de um carinho ou de algo que possa movê-las da sua tranquilidade. Isso não importa, pois nem tudo é para ser analisado, compreendido, pode ser que esteja ali tão somente para ser admirado, sentido e depois se perder na imensidão dos olhos fixos no horizonte ou nas profundezas de um ouvido que fará de tudo para registrar o que mais lhe agrada,

Desci do carro e desliguei o som como, normalmente, faço, embora a modernidade tenha trazido dispositivos capazes de desligar tudo a um simples toque de um botão. Entrei no pequeno estabelecimento, onde, do outro lado do balcão, havia um jovem com seus vinte e poucos anos e um ralo bigode encimando os lábios, sorrindo, dando as boas-vindas ao que chegava. Olhei através do vidro umedecido pela temperatura. Certamente, devia estar bem próxima de zero ali dentro e vislumbrei algumas latas de cerveja. Nem me passou pela cabeça perguntar se teria algumas marcas tão comuns em grandes estabelecimentos. O que houvesse ali seria o suficiente para qualquer beberrão que já tenha passado dos limites. Provavelmente nem vai perceber mais o sabor do que estão lhe oferecendo, apenas a temperatura seja suficiente para satisfazer seus instintos.

Pedi por algumas, mas quando vi, ao fundo, uma outra marca, pedi que trocasse. Nesse instante, a voz do lado de onde eu estava encheu o ambiente, e tal foi sua intensidade que eu me virei.

- É uma boa marca, eu também recomendo, principalmente pela morena garota propaganda. Chama a atenção! Deve chamar a sua também...

Nessa hora, percebi que, quando entro em certos lugares, mantenho meu olhar fixo num ponto, sem prestar atenção a quem está ali. Isso não é arrogância como alguns poderiam pensar, mas, quem sabe, uma forma de me preservar, tentar passar incólume, como se o mundo fosse algo fora de mim e eu estivesse ali simplesmente para caminhar por entre as pessoas, talvez até prestar atenção às suas conversas; mas só isso, deixá-las com suas particularidades e eu metido em mim mesmo, na minha intimidade.

Mas eu lamentei ter feito assim justo, naquele momento, quando olhei a figura imponente daquele homem sentado, bem ao meu lado, com uma garrafa de cerveja dentro de um recipiente e um copo pela metade. Ele me olhou com um sorriso meio

tímido, mas com toda a segurança peculiar a alguém que sabe o que diz e diz com convicção. Voltei-me para ele e observei seus traços bem definidos. Devia ter por volta de uns sessenta anos, barba longa, branca, muito bem aparada e cabelos longos, bem cuidados e um chapéu de palha, desses bem trabalhados com mais de uma cor. Chamava atenção um dos seus olhos. Parecia ter sido vazado em algum momento da vida, e onde não se divisavam as partes constitutivas do globo ocular, pois a pupila parecia invadir toda a íris, mas sem ser algo em primeiro lugar naquele rosto já marcada pela ação do tempo. Também não havia nada de grotesco naquele detalhe.

Aproximei-me, estendi a mão e cumprimentei com entusiasmo aquele homem desconhecido com algo querendo se infiltrar na minha existência. Não sabia ainda ao certo, mas começamos um diálogo que foi se estendendo, parecendo não levar a lugar nenhum, mas nós entendíamos perfeitamente ser o que precisávamos naquele momento. Não havia mais ninguém além de nós dois e o rapaz por trás do balcão, além de um menino tomando um refrigerante e olhando um cachorro que se debruçava sobre seus próprios problemas. As pulgas pareciam não dar trégua às patas habilidosas do cachorro que se coçava quase em êxtase, já que é da sua natureza. Mesmo quando não existem pulgas, eles insistem em se coçar e suas caras são as melhores expressões para quem quer se ver calmo e entender que a vida é composta de pequenos segundos de prazeres que podem se traduzir numa simples coçada, ao menos para o cão.

- Desculpe, pelo mau jeito, por ter passado sem um cumprimento, mas acho que ainda posso lhe dizer meu nome e quem sabe lhe pagar uma cerveja! Ramiro, ao seu dispor...

Meu gesto de cortesia fez com que ele abrisse um sorriso e pude perceber que os dentes, embora ainda bem conservados, traziam as marcas de quem deve ter fumado muito ao longo da vida. Possivelmente já teria abandonado o vício, quem sabe a conselho de um desses médicos que nos salvam a todo instante, com conselhos que nem sempre dão a si próprios. Porém, melhor segui-los, talvez para se agarrar um pouco mais a este vale de lágrimas, no dizer dos religiosos despudorados. Sacudimos nossas mãos, como se já nos conhecêssemos.

- Me chamam Ernesto. Mas por que não se senta e bebe uma cerveja comigo?! Me fale de você. Parece não pertencer a essas imediações, assim como eu também não pertencço. Gosto de frequentar esses lugares bem afastados dos grandes centros. Aqui

acontecem as grandes histórias e, invariavelmente, encontramos até pessoas como você, com sua linguagem diferente e suas músicas que não fazem parte do cotidiano das pessoas daqui. Sim, eu ouvi o que estava tocando no seu carro quando você chegou, eu também sou um apreciador de Jazz.

Sentei-me meio sem jeito e pedi um copo que foi prontamente enchido pelo meu anfitrião. Tomei um gole e, por breves instantes, lembrei que eu devia levar cerveja para os que aguardavam ansiosamente, mas, naquele momento, não me passou pela cabeça me afastar daquele lugar. Podia não saber exatamente ao certo o que me prendia ali, mas tinha a certeza de que não desejava estar em outro lugar. Assim, estendi o diálogo.

- Moro do outro lado da cidade, mas venho aqui na casa de umas pessoas. Elas se mudaram *pra* cá não faz muito tempo. Ainda estou fazendo o reconhecimento das imediações. Perdido é a melhor palavra, pois quando se fica muito tempo num só lugar e com as mesmas pessoas, novas possibilidades não se abrem. Agora me fale um pouco de você.

- As histórias não são muito diferentes. Mudam os personagens, a forma como são contadas, mas acabam sempre iguais. Vivi muito tempo nos mesmos lugares com as mesmas pessoas e, de repente, quando menos se espera, tudo muda. Não estamos mais lá, apenas uma sombra de nós e desejamos uma outra realidade, caminhar por ruas diferentes e colher frutos que nunca colhemos antes.

- Encontrou essas pessoas por aqui?

- Claro, mudei totalmente de rumo, deixei de ser um administrador frustrado para me tornar um viajante e ganhar algum dinheiro com isso. Assim pude satisfazer meus anseios e tornar possível uma cerveja como essa num bar como esse e olhando para um sujeito que eu acabo de conhecer, mas é como se conhecesse a vida toda.

Fiquei olhando bem no fundo dos olhos daquele homem que me deu um cartão com seu nome e seu telefone. Não podendo fazer o mesmo, por absoluta falta de um cartão, anotei num pedaço de papel o meu nome e o confiei a ele que já fazia menção de sair. Afinal, disse ele, tinha uma longa jornada, devendo atravessar a cidade para visitar a namorada que morava no lado oposto.

Não quis prendê-lo, pois mesmo que o quisesse não poderia fazê-lo, pois ele me dava mostras de que isso seria apenas uma pretensão da minha parte e não a consumação de um gesto. Fiz menção de querer pagar a cerveja e ele considerou isso

quase um insulto e me disse que tudo ali à volta havia mudado como histórias que se desenrolam sem que a gente perceba. A criança tinha saído satisfeita e atendido ao chamado dos pais do outro lado da rua, o cachorro que coçava pacientemente suas pulgas já se interessava por uma cadela que passava toda elegante e o rapaz já tinha atendido tantos outros, cada um com suas histórias.

Acompanhei-o até a porta e não senti vergonha nenhuma em lhe pedir um abraço, o qual me foi dado com o maior entusiasmo possível. Depois, peguei minhas cervejas e fui embora.

Quando cheguei ao meu local de origem, todos ainda permaneciam lá, mas era como se não estivessem já que haviam se jogado nos colchões e, provavelmente, sonhavam com a cerveja que demorou tanto a chegar. Mas eu não me importei com nada disso. Sentei-me solitário a uma mesa e abri uma das latas de cerveja e comecei a saboreá-la. Fui acompanhado por uma outra pessoa que se sentou por perto, não dizendo nada, tomando sua bebida e compreendendo perfeitamente que nada deveria ser dito. O silêncio seria a companhia perfeita.

Voltei-me para as minhas lembranças e constatei que não havia nenhum sinal de ferimento no rosto daquele homem, nem mesmo o dissabor provocado pelas limitações do tempo que acometem certas pessoas, fazendo com que deem um fim às próprias vidas.

Não sei se ele era exatamente quem eu imagino que pudesse ser, mas isso não importa, pois aprendi um pouco mais sobre a arte de ver as coisas e imaginar que elas mudam repentinamente sem que a gente perceba. Talvez o fato de deixarmos as pessoas para trás e partirmos em busca de novos horizontes, seja apenas uma forma de reescrever uma história já previamente definida, contra a qual não procede, nem adianta qualquer luta.

Quem sabe Hemingway não se matou como a história faz questão de frisar, mas estivesse sentado ali comigo, naquele início de tarde, bebendo uma cerveja e contando histórias que ele sabe tão bem como contar!!!